

A cidade e o conhecimento

Por Carlos Vogt

Platão, em *A República*, ao indagar, pelo diálogo entre ilustres personagens, o principal deles, Sócrates, sobre o lugar da justiça na cidade, enumera as virtudes que compõem a sinfonia da cidade: a **sabedoria**, virtude dos que governam; a **coragem**, virtude dos que a guardam e defendem, os guerreiros, a **temperança**, virtude de toda a cidade, sem distinção de classes e, por fim, a **justiça** causa das demais e virtude mais importante, que garante a distribuição harmoniosa e equilibrada, na cidade-estado, das funções adequadas à natureza de cada um dos que nela vivem.

Desse modo, é como que pressuposto o conhecimento como condição para a existência e o funcionamento da cidade, a politeia de que nos fala Platão.

No mundo contemporâneo — e como lá se vão séculos transcorridos desde a antiguidade grega — muitas transformações se deram ao longo da história das culturas ocidentais. Contudo, relação entre conhecimento e cidade se acentuou a ponto de que uma das características marcantes do mundo globalizado é o conhecimento, em economias e sociedades que se autodefinem por ele e que buscam, em projetos reais e virtuais, em realidades e utopias, edificar cidades-conceito em novas concepções de cidades do conhecimento.

Há muitos projetos em andamento distribuídos por diferentes países e em diferentes regiões do planeta focando o conhecimento como princípio organizador e articulador das sociedades contemporâneas.

Nesse sentido, tenho apontado, em diferentes momentos e em diversos textos, como por exemplo, aqui mesmo na *ComCiência*, nº 25, de outubro de 2001, ou na página da OEI, com data de julho de 2007, reproduzindo o artigo “Ética e conhecimento”, publicado também na *ComCiência*, nº 82, de novembro de 2006, o conhecimento como gerador de grandes desafios que marcam e mobilizam as sociedades contemporâneas.

Entre esses desafios, o de transformar conhecimento em riqueza e, vice-versa, riqueza em conhecimento, o de criar e estabelecer novos padrões de produção e consumo alinhados com a sustentabilidade do meio ambiente e da qualidade de vida no planeta, e o de produzir, reproduzir, consumir, gerar conhecimento, com o compromisso ético da socialização dos meios de acesso à riqueza, ela própria gerada como produto e como processo na dinâmica da economia global.

Ao primeiro desafio chamei tecnológico, ao segundo, ecológico, e ao terceiro, pragmático.

Esses desafios, como tive também a oportunidade de escrever, pautam um outro tema bastante recorrente na atualidade que é o tema da utilidade do conhecimento.

No texto que constitui meu discurso de agradecimento, por ocasião da outorga do título de *Doutor Honoris Causa*, em 2005, na École Normale Supérieure de Lyon, busquei estabelecer um nexos de necessidade e o conceito de utilidade através do caráter ético dessa relação.

Pude, assim, afirmar que todo conhecimento é útil, considerando que, sendo o fundamento da moral a utilidade, é essa utilidade o que o torna ético, por definição. Por isso, não há conhecimento inútil, já que a ação de conhecer está voltada para proporcionar felicidade, prazer e satisfação à sociedade.

Daí que o utilitarismo do conhecimento na sociedade globalizada não pode exceder sua utilidade para que não se perca de vista o balizamento que conforma os desafios tecnológico, ecológico e pragmático no âmbito dos requisitos éticos e sociais.

A cidade contemporânea tem, como a politeia de Platão, predicados de coesão e harmonia que lhe garantem, apesar das tendências à megalópole, formas de vivência e de convivência, nas quais os desafios acima mencionados constituem peças de agregação ao grande mosaico do conhecimento que une e separa a vida dos cidadãos no cotidiano de sua realidade e na utopia virtual de sua igualdade, sempre desejada: cidade de Deus, cidade do homem, cidade do conhecimento, cidade.